

EM NOME DA POESIA

Nos 24 livros que escreveu, Alcides Buss fez da poesia uma profissão de fé. Agora, viu o momento de dar vez à prosa, na forma de um volume no qual, sem ser autobiográfico, recapitula a trajetória de professor, escritor, editor e brasileiro que testemunhou quase seis décadas nada sossegadas da vida nacional. Da morte de Getúlio Vargas, em 1954, ao ano de 2008, quando se aposentou na Universidade Federal de Santa Catarina, ele revisita momentos de sua formação, a trajetória como animador cultural, impressões de viagens e eventos na província e na metrópole que tiveram relação com a literatura, a arte e a política. *Em nome da poesia* (Caminho de Dentro Edições, 352 páginas) teve lançamento em Florianópolis e Joinville e já está disponível nas principais livrarias.

Com textos escritos de 2014 para cá, o livro é definido pelo autor como a reconstrução de um itinerário que pode ser lido até como romance, se assim desejar o leitor. Narrado em segunda pessoa, percorre os lugares onde o poeta morou – Trombudo Central, Medianeira (PR), Joinville, Florianópolis – e empilha impressões sobre pessoas, pares como Paulo Leminski, Ferreira Gullar e Mario Quintana e as alegrias e provações de ser artista. Os capítulos vão alternando datas e lugares, e revelam um grande apreço pelos anos pretéritos da infância e adolescência, nas dificuldades de adaptação a locais inóspitos e nas conquistas obtidas a duras penas, superando desafios impostos pelo cenário e pelo ambiente.

País feito por imigrantes, o Brasil povoou a região Sul a partir da entrada de corajosos desbravadores território adentro, num processo que se estendeu até a segunda metade do século 20. Foi assim com a família Buss, que deixou o Alto Vale do Itajaí, onde mantinha uma marcenaria, para tentar a fortuna no Oeste do Paraná. O fracasso da primeira safra de café na região da Tríplice Fronteira e a falta de escolas e estradas (a BR-277 ainda estava em construção nos anos de 1950) foram situações extremas com que os migrantes tiveram que lidar. “As terras eram baratas e o otimismo dos anos de Juscelino Kubitschek fez aquela área crescer, mas meus pais tinham o plano de me encaminhar aos estudos”, conta Alcides, que se transferiu para Joinville e ali, aos poucos, construiu sua carreira acadêmica e literária.

Ressaltando que seu destino coincidiu com o de muita gente neste país onde tudo estava por fazer, Alcides Buss almejou, com seu 25º livro, “reviver e compartilhar uma trajetória de vitórias e

derrotas”. No primeiro caso está a luta em defesa do livro e da leitura, que encetou nas experiências de Joinville, como um dos braços direitos do então prefeito Pedro Ivo Campos, com o Varal Literário, iniciativa que se espraiou pelo Estado e pelo País nos anos 70 e 80, levando a literatura para as ruas e praças. “Os poetas se engajaram nas lutas pela liberdade, conceito que varia de uma época para outra e de acordo com as condições e a estrutura da sociedade”, afirma ele. A resistência e as questões sociais alimentavam a poesia nos anos de chumbo, e esse protagonismo Alcides pode dizer que ajudou a consolidar.

No livro também aparecem referências a cidades como Lisboa, Havana e São Petersburgo, a lugares que Alcides visitou difundindo o livro pelo interior catarinense, a pontos turísticos como Bonito (MS) e Foz do Iguaçu. E lembranças da efervescência cultural que guindou Joinville à condição de capital cultural de Santa Catarina nos anos 70, aos recantos do litoral onde se estabeleceu, em diferentes momentos, e às muitas trocas com escritores, pintores e agentes culturais, nas andanças pelo Estado e pelo País. No *post scriptum*, Alcides escreve sobre o encontro com *Navegação de cabotagem*, de Jorge Amado, e a subsequente surpresa de ver a “mala” que o escritor baiano deixou no Uruguai e que foi parar na UFSC contendo originais de um romance inacabado.

No balanço de tudo, emerge o otimismo de quem vê a vida como sinônimo de alegria, apesar dos percalços da cultura e das dificuldades de editar e distribuir livros no Brasil. “Os desafios são permanentes, mas os escritores estão encontrando jeitos de mostrar o trabalho que realizam”, diz Alcides.

Paulo Clóvis Schmitz

Jornalista e escritor

Jornal Notícias do Dia